

cena actual

3

estrela
para um epitáfio
jardim público

TEATRO



ALEXANDRE BABO

ESTRELA PARA UM EPILOGO

JARDIM PÚBLICO

«CENA ACTUAL»

— colecção dirigida por Fernando Luso Soares

ALEXANDRE BABO

Estrela
para um Epitáfio
Jardim Público

Jornal do Fundão
1972

ESTRELA PARA UM EPITÁFIO

ESTRELA PARA UM EPITÁFIO

UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO DA OBRAS

- 1. FUNDAMENTO DA OBRA ALGUMA
- 2. FUNDAMENTO DA OBRA
- 3. FUNDAMENTO DA OBRA
- 4. FUNDAMENTO DA OBRA
- 5. FUNDAMENTO DA OBRA
- 6. FUNDAMENTO DA OBRA
- 7. FUNDAMENTO DA OBRA
- 8. FUNDAMENTO DA OBRA
- 9. FUNDAMENTO DA OBRA
- 10. FUNDAMENTO DA OBRA
- 11. FUNDAMENTO DA OBRA
- 12. FUNDAMENTO DA OBRA
- 13. FUNDAMENTO DA OBRA
- 14. FUNDAMENTO DA OBRA
- 15. FUNDAMENTO DA OBRA
- 16. FUNDAMENTO DA OBRA
- 17. FUNDAMENTO DA OBRA
- 18. FUNDAMENTO DA OBRA
- 19. FUNDAMENTO DA OBRA
- 20. FUNDAMENTO DA OBRA
- 21. FUNDAMENTO DA OBRA
- 22. FUNDAMENTO DA OBRA
- 23. FUNDAMENTO DA OBRA
- 24. FUNDAMENTO DA OBRA
- 25. FUNDAMENTO DA OBRA
- 26. FUNDAMENTO DA OBRA
- 27. FUNDAMENTO DA OBRA
- 28. FUNDAMENTO DA OBRA
- 29. FUNDAMENTO DA OBRA
- 30. FUNDAMENTO DA OBRA
- 31. FUNDAMENTO DA OBRA
- 32. FUNDAMENTO DA OBRA
- 33. FUNDAMENTO DA OBRA
- 34. FUNDAMENTO DA OBRA
- 35. FUNDAMENTO DA OBRA
- 36. FUNDAMENTO DA OBRA
- 37. FUNDAMENTO DA OBRA
- 38. FUNDAMENTO DA OBRA
- 39. FUNDAMENTO DA OBRA
- 40. FUNDAMENTO DA OBRA
- 41. FUNDAMENTO DA OBRA
- 42. FUNDAMENTO DA OBRA
- 43. FUNDAMENTO DA OBRA
- 44. FUNDAMENTO DA OBRA
- 45. FUNDAMENTO DA OBRA
- 46. FUNDAMENTO DA OBRA
- 47. FUNDAMENTO DA OBRA
- 48. FUNDAMENTO DA OBRA
- 49. FUNDAMENTO DA OBRA
- 50. FUNDAMENTO DA OBRA
- 51. FUNDAMENTO DA OBRA
- 52. FUNDAMENTO DA OBRA
- 53. FUNDAMENTO DA OBRA
- 54. FUNDAMENTO DA OBRA
- 55. FUNDAMENTO DA OBRA
- 56. FUNDAMENTO DA OBRA
- 57. FUNDAMENTO DA OBRA
- 58. FUNDAMENTO DA OBRA
- 59. FUNDAMENTO DA OBRA
- 60. FUNDAMENTO DA OBRA
- 61. FUNDAMENTO DA OBRA
- 62. FUNDAMENTO DA OBRA
- 63. FUNDAMENTO DA OBRA
- 64. FUNDAMENTO DA OBRA
- 65. FUNDAMENTO DA OBRA
- 66. FUNDAMENTO DA OBRA
- 67. FUNDAMENTO DA OBRA
- 68. FUNDAMENTO DA OBRA
- 69. FUNDAMENTO DA OBRA
- 70. FUNDAMENTO DA OBRA
- 71. FUNDAMENTO DA OBRA
- 72. FUNDAMENTO DA OBRA
- 73. FUNDAMENTO DA OBRA
- 74. FUNDAMENTO DA OBRA
- 75. FUNDAMENTO DA OBRA
- 76. FUNDAMENTO DA OBRA
- 77. FUNDAMENTO DA OBRA
- 78. FUNDAMENTO DA OBRA
- 79. FUNDAMENTO DA OBRA
- 80. FUNDAMENTO DA OBRA
- 81. FUNDAMENTO DA OBRA
- 82. FUNDAMENTO DA OBRA
- 83. FUNDAMENTO DA OBRA
- 84. FUNDAMENTO DA OBRA
- 85. FUNDAMENTO DA OBRA
- 86. FUNDAMENTO DA OBRA
- 87. FUNDAMENTO DA OBRA
- 88. FUNDAMENTO DA OBRA
- 89. FUNDAMENTO DA OBRA
- 90. FUNDAMENTO DA OBRA
- 91. FUNDAMENTO DA OBRA
- 92. FUNDAMENTO DA OBRA
- 93. FUNDAMENTO DA OBRA
- 94. FUNDAMENTO DA OBRA
- 95. FUNDAMENTO DA OBRA
- 96. FUNDAMENTO DA OBRA
- 97. FUNDAMENTO DA OBRA
- 98. FUNDAMENTO DA OBRA
- 99. FUNDAMENTO DA OBRA
- 100. FUNDAMENTO DA OBRA

2 PARTES — 13 QUADROS

PERSONAGENS

por ordem de entrada em cena

O PRESIDENTE DA GRANDE ACADEMIA
PROFESSOR MONTI
SENHORA MONTI
1.º BENEMÉRITO
2.º BENEMÉRITO
3.º BENEMÉRITO
MELI — FILHA DO PROFESSOR MONTI
O EMBAIXADOR GLUKE
O OFICIAL DE ALTA PATENTE
UMA CINQUENTONA
O DE CABELOS BRANCOS E PORTE FIDALGO
LEO — FILHO DO PROFESSOR MONTI
A VOZ DO MINISTRO
EMBAIXADOR DO PAÍS INIMIGO
1.º DEPUTADO GOVERNAMENTAL
2.º DEPUTADO DA OPOSIÇÃO
3.º DEPUTADO INDEPENDENTE
4.º DEPUTADO
PRESIDENTE DA CAMARA DOS DEPUTADOS
1.º VADIO
RAPARIGA
2.º VADIO
SOLDADO
OS TRÊS JUIZES
O ADVOGADO DE DEFESA
1.ª TESTEMUNHA
CORO DOS VULTOS BRANCOS, DEPUTADOS

PRIMEIRA PARTE

... e a primeira parte. Todas as coisas se
... de parte
... que lhe dá a última dife
... Quando a parte se dá, o resto está
... Depois, em consequência,
... de parte, e uma parte de um res
... da parte do todo, ou-se cham
... uma pequena parte com um é um
... que termina com o resto de
... da parte do todo a coisa real se dá
... Na verdade, para tanto, apenas su
... da parte do todo que não se dá a
... do Primeiro do Grande London
... da parte do todo, se
... da parte do todo, também se
... da parte do todo, sobre se dá a
... da parte do todo, sobre se dá a
... da parte do todo, sobre se dá a
... da parte do todo, sobre se dá a
... da parte do todo, sobre se dá a
... da parte do todo, sobre se dá a

... e a primeira parte do todo, sobre se dá a
... da parte do todo, sobre se dá a
... da parte do todo, sobre se dá a
... da parte do todo, sobre se dá a

I QUADRO

Uma rotunda preta. Todas as cenas se vão passando em zonas limitadas do palco, em praticáveis que lhe dêem alturas diferentes. Quando o pano sobe, o palco está totalmente escuro. Depois, em resistência, a meio do palco, a uma altura de um metro, mais ou menos, do chão, vai-se iluminando uma pequena escada com uns 4 ou 5 degraus, que termina num estrado diminuto, que durante toda a cena mal se diviza. No estrado, uma figura, apenas recortada em silhueta, que não se chega a ver — O Presidente da Grande Academia.

Monti, tímido, um pouco hesitante, as costas levemente curvadas, madeixa esbranquiçada, indomável, sobre os óculos sem aros, apertado na sua casaca de mau corte, começa a subir o primeiro degrau do praticável iluminado, quando palmas severas, pausadas, se sentem no escuro.

O PRESIDENTE DA GRANDE ACADEMIA, que agora se vê mais recortado na luz que ilumina fracamente o tablado do praticável, naquele

tom de todos os presidentes das grandes academias de qualquer parte do mundo.

Professor Alfred Alberti Giusepi Monti.

Monti pára, um pouco atordoado pelo ambiente, a meio das escadas.

Coube-me, professor Monti, por dever do meu cargo de presidente desta Academia, a grande, a inesquecível honra de receber V. Ex.^a no nosso seio, conferindo-lhe o grau de académico, e depositar nas suas mãos o prémio Newton para galardoar a sua magnífica descoberta científica.

O prémio Newton, criado há cinquenta anos e destinado à descoberta que, em cada decénio, mais contribua para minorar o sofrimento humano, foi-lhe conferido, embora essa descoberta do professor Monti se situe no campo da ciência pura, por os seus resultados se projectarem sobre inúmeros campos de aplicação prática, muito especialmente da medicina, com a certeza de que ficará para sempre como um dos mais extraordinários saltos da ciência na conquista da felicidade.

Outros oradores se referiram já ao valor concreto da sua descoberta e à extraordinária personalidade que temos perante nós.

O professor Monti abandonou há quinze anos a sua cátedra, onde deixou um traço de imperecível presença, para, de alma e

coração, devotar o seu tempo, a sua inteligência, podemos dizer toda a sua vida, à investigação científica, de olhos postos sempre nos mais fundos anseios da humanidade.

Exemplo de isenção, de perseverança, de sacrifício, pondo o génio ao serviço do próximo, o seu nome ficará para os vindouros a par dos mais altos momentos da evolução científica e da transformação do próprio homem.

Nesta simples homenagem que lhe prestamos vai o nosso profundo e sentido agradecimento em nome de todos os homens, mesmo daqueles que, neste momento, nem sequer dão conta do tanto que lhe passam a dever.

Palmas calorosas. Monti, visivelmente comovido, deixa que o presidente da Grande Academia lhe coloque no pescoço o colar simbólico de académico, lhe entregue um pergaminho e o abraça, com toda a solenidade da situação. Cumprimenta os membros da mesa, que se não vêem, depois o presidente, e torna a descer vagarosamente as escadas, entre aplausos, enquanto a luz desce em resistência até de todo se apagar. Quando se apaga a luz de cima, acende-se de chofre a luz do prosénio.

II QUADRO

Grande recepção mundana em casa de Monti.

Vestidos de noite, casacas, condecorações, criados fardados servem champanhe e aperitivos. Duas ou três cadeiras, sem qualquer outro móvel. A senhora Monti está sentada e, junto dela, os Três Beneméritos — um gordo e dois esguios, com rosetas de grandes méritos a enfeitar-lhe a botoeira da casaca e diamantes de brilho cintilante nos peitilhos imaculados das camisas e nos punhos engomados. Nenhum anel. Não fumam charuto, para não se assemelharem genêricamente a todos os potentados do dinheiro. Os restantes convivas, como em todas estas reuniões mundanas em que se marcam momentos históricos ou se debatem problemas transcendentales da arte e do pensamento, estão divididos por interesses materiais ou sexuais, mais ou menos evidentes. Um oficial de alta patente, com o peito coberto com condecorações de secretaria, procura, enquanto fala com uma rapariga alta, loira, abundantemente decotada, mexer-lhe o mais que delicadamente pode nos ombros e nos braços. Quatro ou cinco jovens cintilantes, super-finos rodeiam Méli — a filha de Monti. O embaixador Glücke, sentado também, lança pausada, sisudamente, suas frases, que apenas se distinguem como sons, para um grupo de homens e senhoras, que têm para ele uma subservência com classe, de modo a não dar a entender

a nenhum dos outros ouvintes, que é subserviência. Têm no rosto o sorriso de finura grave e a concentração de quem apreende os altos e transcendentos problemas, que permanentemente são abordados. Não se ouvem as conversas, apenas sons, em ritmo de conversa, do grave, de ressonâncias cavas, ao aflautado e musical, um ou outro desentupir da garganta; e, leves, cristalinas e intermitentes gargalhadinhas da senhora bela a quem o oficial de alta patente tateia os braços.

Esta conversação deve ter a plasticização de música concreta. Um gesto mais largo dum conviva, tocando num dos criados, faz-lhe perder o equilíbrio da bandeja com duas ou três taças que ruidosamente se partem no chão. Silêncio imediato e total, um olhar reprovador da senhora Monti trespassa o serventuário, que, no entanto, depressa recupera a sua dignidade, apanha os cacos do chão e sai, enquanto o grande conjunto humano continua o seu concerto vocal. O barulho diminui o bastante para ser ouvido o diálogo entre os Três Beneméritos e a senhora Monti.

SENHORA MONTI, ao 1.^o Benemérito magro

Sua filha já regressou da Itália? Estou ansiosa por a conhecer. Fiquei enamorada dela, só com o belo quadro de Parvina. Que encanto, que distinção, que olhar, que elegância! É um favor da natureza.

1.º BENEMÉRITO

Sim, é bela, mas a senhora não tem que invejar os tesouros alheios. Sua filha faz lembrar imagens florentinas e certo quadro, além, é digno dos grandes mestres.

SENHORA MONTI

Méli é bonita, mas duma beleza um pouco estranha, sem aquela suavidade e nobreza da sua filha. Quanto ao quadro, querido amigo, restos dum passado que morreu e boa vontade dum grande artista. (*A um gesto do 1.º Benemérito*). Sim, sim! Mas, não me respondeu. Quando vem sua filha?

1.º BENEMÉRITO

Dentro de oito dias. Demora-se ainda em Boston e só depois toma o avião para cá.

SENHORA MONTI

Que aventura a dos nossos dias! Como o mundo se tornou pequeno!

E a sua esposa? Oh, que adorável senhora! Ainda ontem dizia ao Alfred que estava tocada pela vossa tão espontânea amabilidade. Como me cumularam de gentilezas, de provas de amizade! Tenho ali, no meu quarto, sobre a étagère, a preciosa miniatura veneziana que me ofereceu. Bastou ver a minha perturbação perante uma obra tão maravilhosa, tão subtil, tão — como direi — poética, para que, com

aquele seu ar despreendido, ao mesmo tempo familiar e de rainha, me dissesse: — Gosta assim tanto, minha querida? Mas é um prazer fácil de satisfazer. É seu. Ah!, não o esquecerei nunca!

1.º BENEMÉRITO

Oh! Senhora Monti, uma simples demonstração do nosso affecto, da nossa muita admiração pela sua família.

2.º BENEMÉRITO, *gordo*

Tudo feira de vaidades, Senhora Monti. Afinal, todos nós, no contacto com o professor Monti e com a família, pretendemos receber um pouco da sua glória.

3.º BENEMÉRITO, *magro*

Claro, claro. Aquilo que nem o trabalho nem o muito dinheiro dão.

1.º BENEMÉRITO

Porque não a marca de Deus?

Respeitoso silêncio

SENHORA MONTI, *com um suspiro, em que o orgulho encobre uma certa mágoa interior.*

Não se pode ter tudo. O que parece ser a glória de meu marido não se transmite senão indirectamente aos seus. (*Com um*

sorriso de coqueteria antiga). Não sou cientista. E mesmo essa glória indirecta não me permitiria nunca ter uma miniatura tão bela e que, segundo ouvi, brilhou já nos brocados da parede da filha dum grande e poderoso Doge.

2.º BENEMÉRITO

Senhora Monti, o talento, o génio, a virtude e o trabalho têm sempre, cedo ou tarde, a sua compensação em bens materiais. A porta da glória, mesmo nas alegorias é de oiro maciço.

1.º BENEMÉRITO, *com um sorriso de dentes descarnados.*

E de pedras preciosas.

SENHORA MONTI

Talvez seja um dia assim. Por agora, a porta da nossa glória só tem a auréola do espírito e aguarda os tais tesouros de que fala.

3.º BENEMÉRITO

Engana-se, Senhora Monti. (*Fingindo imitar um oráculo*). Vejo safiras, rubis, esmeraldas, pérolas tão belas que por elas lutaram e arriscaram a vida jovens e formosos cavaleiros.

1.º BENEMÉRITO

Pois eu, que não sou vidente, vejo iates, tapeçarias, veludos, jactos cortando os espaços na grande aventura dos nossos dias de que há pouco falou. Automóveis de luxo e belas peças de arte.

2.º BENEMÉRITO

E ao lado dos pergaminhos e dos loiros, um depósito bancário, crescendo sempre como os grandes prédios de S. Paulo do Brasil.

SENHORA MONTI

Meu Deus, para onde os leva a fantasia! Como se enganam! Sabem quanto é o prêmio que meu marido recebeu da Academia? O equivalente a vinte mil dólares. Parece muito? E os quinze anos sem qualquer remuneração? Só o rendimento dos nossos bens de raiz. Enfim, não me quero chorar. Vivemos. Mas os sonhos, sejam da Távola Redonda ou dos aviões supersônicos, estão-nos vedados... (*Levantando-se, com galanteria de dona de casa*). Não tomam uma taça de champanhe?

Faz um sinal a um criado, que imediatamente os serve, e, com uma leve inclinação, dirige-se a outros grupos, com o zelo discreto de dona de casa. O concerto recomeça no silêncio do diálogo.